

2.2 - A SINTAXE DA ILUSTRAÇÃO

Como vimos, as dimensões semióticas da imagem são estabelecidas em:

SINTÁTICA - Manifesta-se através da forma. Diz respeito aos elementos estruturais e técnicos de composição

SEMÂNTICA - Manifesta-se através do conteúdo. Diz respeito àquilo que se pretende expressar

PRAGMÁTICA - Manifesta-se através da função. Diz respeito à finalidade comunicativa da imagem

As imagens não-figurativas, como são as letras, possuem significados inalterados. Sua interpretação é fixa e absoluta. As letras são imagens totalmente abstratas, ou seja, não têm semelhança alguma com as figuras. Sua forma não altera seu significado porque representa uma idéia não visível.

As letras *L-C-I-E* separadamente não possuem nenhum significado além de valores fonéticos. Porém, no exemplo ao lado, convencionalmente a reunião delas em uma determinada ordem irá designar a abóbada celeste.

Já nas figuras o nível de abstração é variável. O significado é fluido e variável. Por passarem a ter significados, elas passam a ter níveis de interpretação de acordo com o nível de detalhamento de sua aparência. Determinados desenhos são tão precisos e detalhados que são muito parecidos com seus correspondentes reais. São consideradas imagens *analógicas*. Outras são menos detalhadas, porém mantendo uma estrutura elementar que permita identificar o modelo desenhado. Começam a se tornar mais abstrata. São consideradas imagens *simbólicas*.



René Magritte - *The Palace of Curtains* - 1929

Assim, percebe-se que através do nível do detalhamento de um desenho podemos amplificar o alcance do tempo e do espaço de uma ilustração.

O desenhista americano Scott McCloud em seu livro *Desvendando os Quadrinhos* (3), frisa que ao abstrairmos uma imagem através de sua representação gráfica, não estamos só eliminando detalhes, mas nos concentrando em detalhes específicos. O artista ao reduzir uma imagem ao seu significado essencial amplia esse significado. É a universalidade que o desenho é capaz de transmitir.

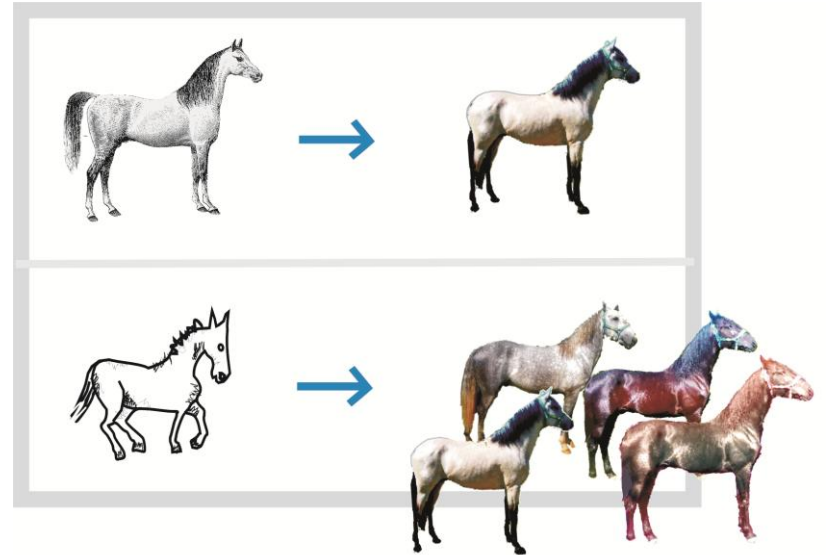
(3) McCLOUD, Scott.
Desvendando os quadrinhos.
São Paulo: Makron Books. 1995

ÍCONE
proveniente do grego antigo Eikhon, que significa *imagem*... Designa, geralmente, uma imagem sagrada.

ICONOGRAFIA
Arte da representação através das imagens

Por exemplo, quanto mais simplificado for o desenho de um cavalo, mais cavalos ele poderá descrever. Ao trocar a aparência do mundo físico pela idéia da forma, o desenho passa a ser cada vez mais simbólico deslocando-se lentamente para o mundo dos conceitos.

As imagens mais realisticamente detalhadas têm um caminho mais entrecortado para alcançar maiores campos de significação. Sua existência é uma construção prioritariamente visual, por isso não flui livremente pelo mundo das idéias. Deduz-se que, é através do desenho realístico tradicional que o ilustrador representa o mundo externo, porém é através das abstrações gráficas que ele representa o mundo interno. Paradoxalmente, o ilustrador ao deixar de representar com o desenho algo específico, passa a representar o mundo interno, universalizando o conhecimento do mundo.



O desenho mais simplificado, ou seja, mais icônico, vai se transformando e exigindo maior participação individual do observador para que funcione plenamente. Assim, o sentido do ícone será sempre dado através da leitura que cada um fizer. Portanto, o desenho icônico não possui uma limitação de significados como no desenho realístico. Essa amplitude de significados é dado por cada um que o vê. E a universalização de significados evolui para transforma-se em código de uma coletividade.



Nossa percepção da realidade através do desenho é um ato individual sustentado em fragmentos, vivenciados pela história de cada indivíduo. Isto é: as imagens só podem ser recebidas através das experiências vividas anteriormente por cada um, e que se encontram gravadas intransferivelmente na alma de cada pessoa. É a imaginação entrando em cena.

(4)

IMAGEM
IMAGINAÇÃO
IMAGINÁRIO

São palavras que possuem a mesma raiz semântica IMAGO. A palavra *imago* tem origem latina significando “lembrança (...) formada na infância e que se conserva sem modificação na vida adulta”.

Portanto, essas palavras não se limitam somente ao repertório de imagens visuais adquiridas, mas a todas as lembranças absorvidas pelos órgãos sensoriais que o ser humano possui: visão, audição, olfato, paladar e tato.



CASA
HOUSE
MAISON
بيت

Cabe mencionar aqui que a palavra *imaginação* corresponde ao universo subjetivo composto por um infinito conjunto de imagens mentais gravadas em cada um de nós. Estas imagens mentais não são absorvidas apenas pelo sentido da visão, mas por todos os demais meios naturais que a fisiologia humana permite. São as lembranças sensoriais que ficam retidas em nossa alma como: sons, sabores, cheiros, cores e texturas. (4)

Dessa maneira, ao visualizarmos uma imagem, estaremos acionando todo nosso acervo de experiências adquiridas através do sentido da visão. Serão estimuladas sensações já experimentadas. Assim, cada imagem visual despertará um conjunto de imagens mentais já vivenciadas.

Ver imagens durante a vida “é o mesmo que uma pessoa muito viajada que só pode ir vivenciando partes separadas do mundo durante sua existência”, mesmo que o nosso repertório de sensações do mundo se amplie intermitentemente,

Palavra e Imagem

As imagens são informações recebidas.

Não há necessidade de uma educação formal para entender sua mensagem. Sua recepção é instantânea.

As palavras são informações percebidas.

É necessário ter conhecimento especializado do código para compreender os símbolos abstratos da linguagem.

O que podemos ressaltar na relação entre os dois universos discursivos, o icônico e o textual, é a variação da fluência na decodificação da mensagem contida em ambas. A imagem impressa possui acesso mais imediato e universal que o texto por possuir analogia visual com o objeto real representado. Já, para a palavra escrita não há a mesma fluência, pois o entendimento de seu conteúdo é mais complexo devido ao caráter simbólico que a escrita possui. Pois, a palavra que designa o objeto não possui nenhuma semelhança com ele.

Devemos ter em conta que os dois universos discursivos, isto é, o verbal e o não verbal, não são excludentes. Interagem, dialogando entre si.

Esse diálogo foi-se aperfeiçoando com o passar do tempo. Inicialmente, a aplicação da imagem junto à palavra impressa funcionou como elemento ornamental. Em um segundo momento sua presença adquiriu caráter de comentário para, atualmente ser fluente a ponto de travar diálogo com o próprio texto.

A frase, que no século XVII era longa, passa a ser dividida em frases menores no século XVIII. Essas frases curtas seriam as bases da frase atual. Já no século XX o texto ocupa apenas o lugar de complemento da imagem, onde algumas linhas são suficientes para o entendimento.

Expressão da Linguagem Gráfica

A linha no desenho é muito mais que um simples contorno do pensamento narrativo do ilustrador. A linha é para o ilustrador o alfabeto e a caligrafia, vitais para expressar sua imaginação. “A análise da função da linha na ilustração é na verdade um motivo para desenvolver reflexões sobre a arte de ilustrar, no sentido de desenhar. (Cito abaixo três artistas brasileiros) da primeira metade do século XX para exemplificar que, muito além do universo por vezes cômico, macabro, lascivo, bizarro de suas obras, existe uma profunda diferença na maneira de compreender o significado da linha de cada um deles. Essencialmente ela representa a individualidade e a caligrafia pessoal do ilustrador, a sua maneira intransferível de expressar sua literatura visual. A linha é a escrita do ilustrador”. (OLIVEIRA, 2004, p. 93)



K. Lixto



Raul Pederneiras



Roberto Rodrigues



Gustave Doré (detalhe)

Dentro destes espaços não revelados, onde a crença está assentada na ficção e no irreal, outro mestre da ilustração deve ser citado. Cito as ilustrações para um texto de Samuel Coleridge realizadas por Gustave Doré: um pequeno navio está prestes a se precipitar em um abismo de vagas escuras (*detalhe ao lado*). Este apavorante espaço do insondável ocupa mais da metade da área útil da ilustração, colocando-nos não como mero espectadores, mas cúmplices e co-participantes da imagem. (...) É nestes espaços entre o real e o imaginário, criados pelo engenho do ilustrador, que o (...) leitor imerge seu olhar imaginário – a que eu chamaria de *silêncio das imagens*. (OLIVEIRA, 2004: P 113)

O conceito de *silêncio das imagens*, onde habita o insondável e o não revelado pela visão, está exemplificado abaixo em outras ilustrações de Doré. O que está velado possui mais presença imaginativa do que aquilo que está revelado.

